

A RETÍCULA, A COR E A LUZ

Isabella Cabral
Março 2009

Em 29 de maio de 1990 fui pela primeira vez ao atelier de Hermelindo Fiaminghi pedir conselhos sobre técnicas de pintura. Depois de um papo curto ele me disse: "Olha aqui, se as artes plásticas não derem certo, a senhora pode tentar as artes culinárias".

Depois disso nos encontramos quase diariamente durante 7 anos e ele me mandou para o fogão e para o tanque muitas outras vezes. Como eu insistia, ele acabou se acostumando comigo por perto. Fiz perguntas, tirei fotos e fui conhecendo sua pintura, sua vida e seus amigos.

Fiaminghi era alegre e irreverente, entrava no Bar do Leo gritando "SILÊNCIO" e a turma adorava. Nas paredes do bar a gente acompanhava a trajetória do "Barão": fotos, artigos de jornal emoldurados e gravuras do Mestre Fiaminghi que o dono do bar colecionava. Ele era o filho querido do lugar. O apelido de "Barão" veio da semelhança com a imagem do Barão de Rio Branco nas notas de cinco cruzeiros.

Durante algum tempo trabalhei numa sala nos fundos do atelier de Fiaminghi. Era sempre igual: lá pelas 4 da tarde ele batia na porta e anunciava a hora do chá. Nos papos diários refazíamos o caminho da infância, dos ensinamentos da adolescência, das escolhas profissionais, dos amigos, Décio, Waldemares, Clubinho dos Artistas, os poetas, muitas brigas, grandes projetos.

Contava com alegria e orgulho que, quando tinha dez anos, já colhia tintas em caixinhas de fósforo no lixo da Melhoramentos.

Quantas vezes conversamos sobre seu aprendizado na Companhia Melhoramentos, onde aprendeu a técnica da litografia! Assim, começou a desler o mundo em 1935. Foi lá que nasceram para seus olhos as retículas que viriam a ser *Retículas Corluz*, *Despaisagens*, *Desretratos* e *Corluz*. "Quando comecei a trabalhar como litógrafo, separava intuitivamente as camadas de cores que seriam impressas, e com esse procedimento me acostumei a ver a cor como resultado da união de diversos matizes sobrepostos."

Em 1936 ingressou no curso noturno do Liceu de Artes e Ofícios, enquanto trabalhava de dia na Melhoramentos. Em 1938 conheceu Waldemar da Costa, professor no Liceu, que apresentou para o menino de 18 anos o Impressionismo e o Pontilhismo. A partir de 1941 dedicou-se à profissão de litógrafo, demonstrando talento e chamando a atenção do meio da publicidade. Assim, ingressou na Lintas Advertising em 1949, participando também ativamente dos movimentos artísticos dos anos 50.

Em 1958 Fiaminghi começou a frequentar o atelier de Alfredo Volpi, aprendendo a técnica da têmpera e o uso de tintas transparentes. Continua a pesquisa *Corluz*, iniciada em 1957, com pinturas em têmpera e fotografia.



instituto de arte contemporânea

Virtual - Triângulos Alternados 5, 1978 | óleo s/ tela | 100 x 100 cm | assinado e datado no verso

A primeira *Retícula Corluz* de Fiama foi feita em 1958. *Corluz – Superposição de quadrados em transparência* é sua primeira experiência com têmpera, consequência imediata da convivência com Volpi.

Corluz é o nome que Fiaminghi deu para o resultado de cores transparentes sobrepostas e para a vibração entre cores colocadas lado a lado.

Sobre a retícula, informa: “A idéia da retícula veio do tempo em que eu era gráfico e sempre achei que a retícula era uma coisa possível para fazer artes plásticas, era uma forma possível”.

O espírito de Volpi estava sempre conosco lá no atelier do Cambuci. Fiama gostava de mostrar na prateleira o pote de “Terra de Urubupungá”, o pigmento que Volpi produziu e distribuiu para os amigos pintores. Era uma espécie de talismã, e acho que Fiaminghi nunca usou essa cor. Ele contava que, viajando, muitas vezes Volpi mandava parar o carro para colher terra porque achava a cor da terra bonita. O encanto desse episódio está na idéia de transformar a matéria do mundo em cores e a história repetida tantas vezes por Fiaminghi fazia pensar. Fia transformou em *Corluz* o mundo que viu.

Entre 1961 e 1962 Fiaminghi executou diversas *Retículas Corluz* em têmpera. Dizia que a grana curta na época não permitia imprimir suas fotografias em offset. Aqui nesta exposição podemos ver duas obras dessa fase: *Retícula Corluz I* e *Retícula Corluz II*, de 1961.

Falando das retículas realizadas em fotografia, Fiaminghi conta que desenvolveu experiências com o que chamou de “caixas luminosas”, que eram caixas perfuradas onde fixava filtros coloridos para criar cenários e fotografar. São as *Retículas Corluz – Fusão e difusão da cor por incidência da luz*, dos anos 60.

Nunca entendi muito bem as técnicas de fotografia que Fia inventava. Tinha a impressão que o processo era tão intuitivo que as questões técnicas aí eram sem importância. O que contava era o resultado que a gente via. Ele explicava que, em 1961, fez slides no Parque do Ibirapuera que mostravam folhagens a contra luz. “Reticulei os slides. Reticulei, ampliei, reampliei até produzir o ponto-retícula que me interessava. Copiei e imprimi”.

Nos anos 70 imprimiu as retículas em offset graças à renda do trabalho com publicidade. Fiaminghi contou que quando pintava com têmpera no atelier de Volpi, começou a pensar na produção gráfica das retículas, mas “a grana não foi suficiente para fazer tudo o que eu queria fazer. Mas eu deixei todos os slides produzidos e, quando houve grana fiz as retículas gráficas.”

Assim cria a série de trabalhos inspirados no processo de produção de *out-doors*. É dessa época o *Desretrato de Haroldo de Campos*, série de 9 imagens impressas em offset, de 1973. No mesmo ano executa o *Desretrato de Haroldo de Campos*, grupo de quatro pinturas em têmpera, apresentado aqui.

Fiaminghi adorava a luz do sol de abril. Mencionava sempre a luz do sítio de Eldorado, na periferia de São Paulo, à beira da represa Billings, e seus reflexos nas folhas das árvores e nas águas da represa. Aí Fiaminghi recolheu-se entre 1980 e 1982 e inspirou-se mais uma vez para retomar o trabalho em pintura. Da fantasia luminosa de Eldorado saíram *Despaisagens* e outras *Retículas Corluz*, representadas por seis obras nesta exposição.

Nos anos 1980, sempre deslendo o mundo, executa *Despaisagens* e *Desretratos*, expondo seus trabalhos a cada dois anos. Os anos 1990 trazem a maturidade e a exuberância da *Corluz*, coroando o percurso de 50 anos de pintura.

Muitas vezes, no fim do dia de trabalho a gente estendia um pedaço de lona na mesa do *atelier*, abríamos uma garrafa de vinho, que acompanhava um pão fresquinho que eu trazia do caminho, um salame do Brás, um pedaço de queijo e assim passávamos horas conversando sobre tudo.

Podíamos passar dias debatendo cores, pincéis e materiais. Discutíamos como as pinceladas transparentes compunham suas cores. Falávamos do cheiro de cravo de que Volpi gostava e por isso colocava cravos da Índia no óleo da tinta. E o óleo de linhaça decantado por 5 anos! Quantas garrafas de óleo de linhaça vi penduradas lá no terraço do *atelier* da Rua Inácio Arruda tomando sol! Resina Damar e cera de abelha fervida em aguarrás eram o segredo das cores transparentes.

Discutíamos também as telas que Fiaminghi, ainda nos anos 1990 montava como Volpi ensinou: estica em cruz, martela aqui, puxa ali. "Uma no pino outra na ferradura", dizia. Não podia ser qualquer tachinha. A madeira ele encomendava numa serraria do Brás e a lona comprava lá perto do Mercado Central. Preparava a base. Lixava. E assim ia.

Numa manhã cheguei para trabalhar e Fia não apareceu. Estava internado no Instituto do Coração. Demorou para retomar o trabalho. Durante sua recuperação costumava caminhar pelas redondezas. Passeávamos às vezes no Parque do Ipiranga e Fiaminghi encantava-se com os jardins. "As rosas lá parecem repolhos", me dizia. E a gente combinava de ir ver esses repolhos no dia seguinte.

Que saudades do Fiam!

A paisagem, a luz do sol batendo nas folhas e nas águas, as cores da natureza: foi isso o que Fiaminghi quis mostrar.

Leu, *desleu* e representou tudo o que viu através das retículas com pinceladas coloridas de tintas transparentes.

Seus *Desretratos* são homenagens aos amigos Alfredo Volpi, Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos.

Em suas obras, a generosidade, o amor pela pintura, a alegria de viver e o carinho pelos amigos, estão registrados para sempre.